

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira.

FOLK-LORE PORTUGUEZ

Trovas alemtejanas

Recolhidas no concelho d'Elvas
por

A. THOMAZ PIRES

(Continuado da col. 72. vol. XIII)

2330

Toma lá um ramalhete
D'ervilha com o palanco,
Para que saibas amor,
Que ando a trabalhos do campo.

2331

Se algum dia por acaso,
Encontrares o meu pae,
Diz-lhe assim por brincadeira
O' pae sogro aonde vae?

2332

Dava-te o meu coração,
Coisa que dár não podia,
Dava-te a melhor prenda,
Que no meu peito trasia.

2333

O meu coração é teu
O teu é de quem tu queres,
Dou-te o meu coração,
Quando tu o teu me dces.

2334

José quando vae á missa,
Co'a bengala faz um S,
A herva que Antonio pisa,
Se está secca roverdeco.

2335

Minha falla, minha falla,
Minha falla, está perdida
Algum dia a minha falla
Das mais era conhecida.

2336

O' fonte, que estás lá longe,
O' agua, quem te bebera,
O' roza, que tens espinhos,
O' cravo que tão bem cheiras.

2337

Antonio, cara de cravo,
Cintura do capitão;
Cadeado do meu peito,
Chave do meu coração.

2328

Olhos que me querem mal,
Tirados os vira eu,
Tirados, e em um prato
Pedindo perdão aos meus.

2339

O' minha salva de prata,
Posta na meza do rei;
Minha alma por ti se mata
A tua por mim não sei.

2340

O' que bella brincadeira
Nos vimos de presenciar,
Quatro peixes e um sapo
Debaixo d'agua a banhar.

2341

As telhas do teu telhado,
E as lagens do teu patim,
Ellas dirão com verdade,
As vezes que aqui vim.

2342

Dizes que matei um padre,
Digo que 'stou innocente;
Agora vou degredado
Por dar gosto a tanta gente.

2343

Rapazes da beira már,
Venham ver nossa belleza;
Nós temos na nossa mão
Toda a nação portugueza.

2344

O' agua, que vás tão alta,
Por essas terras d'alem,
Lava-me ao ceu onde está
A alminha do meu bom.

2345

Eu quero ir á minha terra
A'quella que me viu nascer,
Quero ir á minha terra,
Quero ao menos lá morrer.

2346

Amor é palavra vã,
Dinheiro palavra fórte,
E' que faz um casamento

Venturozo até a morte.

2347

Eu não quero nada do mundo,
Senão uma coiza só,
A lingua dos homens todos
Retalhos feitos e pó.

2348

Lá na rua direita,
E' a rua d'amargura,
Vac uma estrada seguida,
Direitinha á sepultura.

2319

Villa nova de Monforte
Tem moralhas ao dasdom;
Já cahi na pouca sórte,
De dormir não sei com quem.

2350

O rouxinol canta de noite,
E de dia a cotovia,
Todos cantam seus amores,
Só eu choro todo o dia.

2351

O rouxinol canta nas arvores,
A cotovia no prado;
O poeta entende d'amor
E o lavrador do aradol...

2352

Uma velha deu-me um beijo
Que até me fez chorar!
Vac-te velha para o inferno
Não me tornes a beijar.

2353

O meu amor é que é
O rei da rapaziada,
Tem uns olhos lindos, lindos,
E uma cara engraçada.

2354

Anda cá, pombinha branca,
Anda cá para o meu pombal,
Has-de ser uma infanta
Chegada á casa real.

2355

Minha mãe poz-me na rua,
Meu pae foi-me a chamar,
Anda cá, pombinha branca,
Não fujas do teu pombal.

2356

Assim que te ouvi cantar
Logo disse és cantador,
Pintas as coizas no ar
Tens cabeça de doutor.

2357

Eu hei-de ir ao ceu em vida
A pedir a Deus por ti;
Por teu pae, o por tua mãe
Que te criaram p'ra mim.

2358.

A flor do carapeto

De longe a vista que faz,
Quem me não levar por bem
Por mal não é capaz.

2359

Vejo már, vejo terra,
Tambem já fui marinheiro,
Já tive amores do graça,
Agora nem por dinheiro.

2360

Dorme, dorme meu menino
Que é alegre o somno teu,
Que enquanto na terra dormes
Folgam os anjos no ceu.

2361

Meu menino dorme, dorme,
O somno não te quer vir!
Venham os anjos do ceu,
Ajuda-o a dormir.

2362

O' meu filho dorme, dorme,
Olha o papão que alem está,
Vac-te embora o papão
Que o menino não está cá.

2363

Senhora da Conceição
Aqui tendes o meu menino,
Para que no vosso regaço
Elle durma um bom somninho.

2364

A rua é para os homens,
E a casa é para as mulheres;
Não me estejas com aquellas,
Que eu bem sei o que tu queres.

2365

Quatro coizas para amar,
E' preciso haver sentido;
Amár, e saber a quem,
E querer bem sem dár motivo.

2366

Heide-me casar este anno,
Com um deslenzinho da móda;
Que não tenha pae, nem mãe,
Para eu não ter sógro, nem sógra.

2367

Menina não desconfie,
Sempre é bom saber ler,
Ainda que eu vista batina
Padre nunca eu hei-de ser.

2368

O' José tu és a lima
Teu pae é o limão,
Casaste, fizeste bem,
O' que linda geração.

2369

O' coração retrahido,
Não arrebutáras tu,

Coração que dá mil pennas
E allivio não dá nenhum.

2370

D'aqui para a minha terra
Tudo são janellas verdes,
Tudo são cravos e rozas
E jasmins pelas paredes.

2371

Menina, não se namore,
Do homem que enviou:
Uma palavra, meia palavra:
Mulher que Deus me levou!

2372

Eu vim a esta função,
Mais valia cá não vir;
Os olhos que eu queria ver,
Estão deitados a dormir.

2373

Mortunheira da mortunhos
Não póde dar coiza boa;
Cada qual dá o que tom
Conforme a sua pessoa.

2374

Adeus ó quinta das Longas,
Torre do Picão á frente;
Adeus quinta de S. João,
O' Póvo de S. Vicente.

(Continúa)

CANTOS POPULARES DE TRAZ- OS-MONTES

Recolhidos por A. F.

1

E's infiel e eu leal,
Não amas e eu sou amante,
E's perjuro e eu sincera,
E's vario e eu sou constante.

2

Tenho pena de ti, pena,
Pena de te ver penar,
Pena de te ter á vista,
E te não poder fallar.

3

Marinheiro do mar largo
Volta atraz, que vaes perdido,
Essa mulher que ahí levás,
E' casada, tem marido.

4

O mar pediu a Deus peixes,
Os peixes ao mar altura,
Eu tambem peço a Deus
Que me dê boa ventura

5

Não me falles ás esquinas,
Que eu não sou mulher do mundo,
Vae-me fallar ao meu quarto,
Que tu bem sabes onde durmo.

6

Semei no meu quintal
O lirio das virtuosas,
Nasceu-me uma parreirinha
Toda cercada de rosas.

7

O mar pediu a Deus peixes
Para dar aos pescadores,
Eu tambem peço a Deus
Alegria p'r'os meus amores.

8

O meu amor engeitou-me
Por eu andar engommada,
Eu tambem o engeitei
Porque elle se embebedaya.

9

Não me atires com pedrinhas
A' barra da minha saia,
Minha mãe não me creou
Para marotos de a praia.

10

Não ha machado que corte
A raiz á verde canna;
Da fama ninguem se livra,
Bem tolo é quem não ama,

11

Eu tenho cinco amores,
Dois de manhã, tres de tarde,
A todos elles eu minto,
Só a um fallo verdade.

12

Papagaio, pena verde,
Dá-me uma pena do peito;
Com todos eu fallo e rio
Só a um guardo respeito.

13

Menina que está á janella
Com seu relógio á cinta,
Diga-me que horas são,
Falla verdade, não minta.

14

Ninguem descubra o seu peito
A nenhuma amiga sua,
Quem o seu peito descobre,
Quer que o saibam na rua.

15

Esses teus lindos cabellos,
Compostos por minha mão,
Muita gente tem inveja
D'essa linda perfeição.

16

Debaixo do triste cedro
Nem chove, nem cabe orvalho;

Menina, se tem de ser minha,
Não me dê tanto trabalho.

17

Quem te pôz aqui, loureiro,
A' borda deste caminho?
Quantos passam e não passam
Todos tiram seu raminho.

18

Se os olhos comessem sôpa
Mandava-lh'as eu fazer,
Mas elles não comem sôpa
O seu regalo è ver.

19

O' José, nome de joia,
O teu nome joia é,
Quando me fallam em joia
Logo me lembra José.

20

O' José cabelo louro,
Penteado no deserto,
Sobrancelhas d'ouro fino,
Olhinhos por quem me eu perco.

21

O' José, lindo José,
O' José lindo decerto
Tu és o mais lindo cravo,
Que o craveiro tem aberto.

22

O meu omor è um cravo
De tres que o craveiro deu,
Toda a gente tem inveja
Do mais lindo ser o meu.

23

Menina que está á janella
Que está comendo pão com queijo.
Faça da bocca pistolla
Atire-me cá com um beijo.

24

O' meu amor vem-me ver,
Olha que eu estou na partida,
Se agora me não vens ver
Só me vês na outra vida.

25

O meu coração è terra
Hei-de mandal-o lavar,
Semcal-o de desejos
Que eu tenho de te ir fallar.

26

Menina do lenço preto
Diga-me quem lhe morreu,
Se lhe morreu o amor
Para amar aqui 'stou eu.

27

Sou pintor de louça fina
Já hoje pintei um prato,
Apenas vi os teus olhos
Pintei logo o teu retrato.

28

Mataram-me o coração
C'o punhal do desconforto,
Vae baixar á terra fria,
Resae por elle que vae morto.

29

Mariquinhas meu amor
Bem feliz poderas ser,
Se commigo quizeses ir
Para a cidade viver.

30

Foste-te gubar á rua
Que me destes um cruzado,
Tambem eu te dei um lenço
Das minhas mãos acabado.

31

Tres dias antes que eu morra
Hei-de ir passear o adro,
Quero ver a sepultura
Onde hei de ser enterrado.

32

O' sette-estrello que andaes
De noite n'essas alturas,
Dá-me novas do amor
Que eu d'elle não sei nenhuma.

33

O' que noite tão escura,
O' que ceu tão estrellado,
Se eu não tivesse amores
Dormia bem descansado.

34

O' que noite tão escura
Para o navio de vela,
Relampeja, o ceu troveja,
Reluz o mar e treme a terra-

35

Manda-me d'ahi dizer
O preço que o roxo tem,
Que me quero vestir d'elle
Com sentimento d'alguem.

36

Desgraçada foi a hora
Que te eu fui fallar ao muro,
Palavrinhas em segredo
Logo foste dizer tudo,

37

Pergunta ao sette-estrello,
Que é magano, sabe tudo,
Quem vae tirar o amor
D'onde estava tão seguro.

38

Já vi chover e ventar,
Do luar fazer escuro,
Já vi tirar o amor
D'onde estava bem seguro.

(Continúa)